

Música

Julio Maria

Alguns anos depois que o pai de Roberto Menescal morreu, uma espécie de diário foi encontrado em seus pertences. Ele dizia para os irmãos cuidarem da ovelha desgarrada que não largava o violão. Estava preocupado com o salário do garoto que queria tanto ganhar a vida com música naqueles anos 1950. Quem sabe não o convenciam a ser um engenheiro?

A lembrança faz Menescal sorrir. "Ele devia dizer o contrário, o músico é quem ajudaria os irmãos", brinca. A música vingou na vida de um artista que esteve em muitos pontos-chave das revoluções culturais pós-era do rádio. Menescal levava o violão para o apartamento de Nara Leão, na Avenida Atlântica, em Copacabana. Estava lá quando tudo surgiu, ao lado de Tom Jobim, Carlos Lyra, Vinícius de Moraes, Ronaldo Bôscoli, Luiz Eça, Luiz Carlos Vinhas, Bebeto Castilho, Hélio Milito, Eumir Deodato, Oscar Castro Neves, Edison Machado, Wilson das Neves, Antônio Adolfo, João Donato, João Gilberto, Elis Regina.

Ao chegar aos 80 anos, que serão arredondados em 25 de outubro, Menescal, como ficou conhecido, sai em temporadas por São Paulo, Rio e Brasília, com uma série de convidados que estarão a serviço de canções que fizeram parte de sua história. "Não serão necessariamente músicas minhas, mas aquelas que marcam essa trajetória", ele diz. Depois de concluir uma temporada em Brasília, de 8 a 10 deste mês, ele fica de hoje (21) a domingo, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), passando sua história a limpo. Hoje, às 13h, se apresenta com Ivan Lins e Leila Pinheiro. Amanhã, às 20h, chama Simoninha e Sabrina Parlatore. No dia 23, sábado, no mesmo horário, estará com o saxofonista Leo Gandelman e os cantores Lula Galvão e Cris Delanno. E,



Turma. Tom Jobim, Vinícius, Ronaldo Bôscoli, Menescal e Carlos Lyra

De volta aos dias de luz

Roberto Menescal, um dos criadores da bossa nova, faz 80 anos com uma série de shows

no domingo, 24, terá duas gerações de bossa novistas no palco. Marcos Valle e Fernanda Takai (sim, seu canto pode ser considerado daquela mesma escola).

A importância da geração de Menescal, vista muitas vezes como aquela que elaborou uma linguagem respeitável porém datada, vai além de banquinhos barquinhos. Logo depois da chegada de João Gilberto às rádios, em

1959, com a gravação de seu LP *Chega de Saudade*, o efeito bossa nova teria implicações dentro e fora do Brasil. Aqui, os músicos migravam seus talentos para a criação de canções em um formato de excelência harmônica, canto retrado e poética bucólica tendo a zona sul do Rio de Janeiro como cenário. Lá fora, o mundo conhecia não mais o Brasil exótico, mas uma potência cultura-

ral. Até então, norte-americanos e europeus faziam uma grande confusão com a imagem e o ritmo de Carmen Miranda, misturando samba a calipso ou chá chá chá como se fosse tudo música do mesmo balaio.

Menescal coloca mais um feito em sua conta. "Foi essa nossa geração que mostrou que os jovens classe média dos aparta-

mentos do Rio poderiam fazer uma música relevante." Sim, até então a produção popular legítima estava, sobretudo, nas mãos dos grandes sambistas das esferas mais abaixo dos apartamentos da Avenida Atlântica. Noel Rosa, Ismael Silva, Nelson Cavaquinho, Cartola, Wilson Baptista. Havia duas décadas que Luiz Gonzaga saíra do sertão de Exu, em Pernambuco, para espalhar seu baião pelo País.

O Brasil reconhecia-se na música caipira, no choro, no samba-canção e no folclore que brotava do chão. Os bossa novistas mudaram o eixo social da criação e colocaram o Rio de Janeiro em um estágio de musa inspiradora como não teria em nenhum outro momento da MPB.

Violonista de uma época em que as seis cordas eram esconderijo de desocupados e, mais tarde, guitarrista em uma era em que instrumentos ligados na moda eram símbolo do imperialismo cultural norte-americano, Menescal diz que jamais sentiu olhos tortos em sua direção, nem quando dirigiu o grupo que acompanhava Elis Regina. "Jamais senti isso, acho que havia um respeito ao que fazíamos ali."

Depois de assinar mais de 400 canções, muitas em parceria com Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli, Aldir Blanc, Chico Buarque e João Donato, Menescal acompanharia outro momento importante ao se estabelecer como diretor musical e artístico da gravadora Polygram a partir de 1970, vendendo surgir ou dando forma a discos de Raul Seixas, Elis, Caetano e Gil. Com estúdio próprio, ele segue olhando para artistas jovens que o contratam para produções e em shows de bossa nova, sobretudo no Japão, o único país do mundo onde a Bossa Nova nunca ficou datada.

Além dos shows, ele produz ainda um CD e um DVD para ser lançado até o final do ano, com artistas interpretando suas canções, como Ney Matogrosso e Fernanda Takai. Suas muitas histórias devem ser lançadas em formato biografia pela prima Claudia Menescal.

DIAS DE LUZ, FESTA DE SOL CCBB. Rua Álvares Penteado, 112. tel. 3113-3651. 5ª (21), às 13h; 6ª (22), sáb. (23), e dom. (24), às 20h. R\$ 10/R\$ 20.

Um dos maiores embaixadores do País, o 007 da MPB

Mais do que gostar dele, Elis Regina ouvia o Menescal. Uau. Eu nunca tinha visto isso acontecer antes

João Marcello Bôscoli
ESPECIAL PARA O ESTADO

A minha primeira lembrança do Menescal foi em casa com a Elis. Três coisas chamaram atenção: a primeira era o fato do Menescal representar o cão, o diabo – a gravadora no caso. A segunda era ele ser parecido do meu pai, Ronaldo Bôscoli – à época, uma espécie de diabo

aos olhos da minha mãe. E a terceira e mais intrigante: Elis realmente gostava dele. Mesmo. Mais do que gostar; ela ouvia o Menescal (?!). Uau. Nunca tinha visto isso antes.

Sua fala amistosa, o aroma da sua colônia, a força contida e educada em suas colocações, o sol em seu violão, o sotaque carioca e o corte de camisa perfeitos. Percebi também em seus olhos claros, oceano íntimo, haver um pequeno tique, um leve piscar em mono. Diante de tanta calma, mesmo ainda menino, achei impreciso chamar aquele gesto involuntário de tique "nervoso".

Aquele homem era tudo, me-

nos nervoso. Exímio mergulhador, descomprimia as tensões com sorrisos e tiradas sazes, bem-humoradas. E, com suas centenas de viagens internacionais para divulgar a música brasileira, compostas por centenas de horas de espera e atrasos em conexões, o impávido Roberto Menescal é dos nossos maiores embaixadores, um Instituto Rio Branco tocando violão e contando histórias.

Ele talvez tenha sido a primeira pessoa a me mostrar a beleza e verdade invencíveis dos bastidores – hoje meu hábitat natural. E também, apenas por ser como é, me ensinou a amar os amigos exatamente como eles

são. Amigos têm características, não defeitos. Amigos são nossa matéria.

Menescal é o meu 007 a serviço da música. Com sua turma de vagabundos geniais, um MI-6 poético-ético, desafiou as leis da física e do nefasto machismo vigente através de duas proezas: trazer o sol de volta para a música brasileira e tirar a mulher do papel de vilã, traidora ou alpinista social nas temáticas musicais brasileiras à época.

Bossa Nova é o movimento do sim – a favor do para e pela mulher. A falta do ser humano.

Conhecendo-o ali, diante da Elis, vi que tudo era verdade, es-

tilo de vida, jeito de ser.

Voltando ao encontro profissional onde o conheci... trabalho difícil, convenhamos...

Conhecendo Elis como poucos, tendo atravessado fases, humores e mares (Menescal tocou com Elis ao redor do mundo), ter coragem de ir até a toca do onça para "aprovar" seu novo disco? Jura?

Haja clonazepam. Preferiria fugir de um urso recém-desperto ou algo similar.

Certa vez, ele me contou ter um sangramento nasal esporádico (geralmente antes de receber a Elis e poucos outros artistas em reuniões na gravadora).

Ao procurar um médico ouviu ser melhor não cauterizar a veia, afinal, ela era um "alarme" da sua pressão, da sua tensão – causadas em parte pela Elis, claro.

Por outro lado, trabalho fácil esse do Menescal.

Ir até a casa de uma das melhores cantoras do mundo, ouvir os melhores músicos (Hélio Delmiro/guitarra, Luisão Maia/baixo, Paulo Braga/bateria, Cesar Camargo "o pão" Mariano/teclados e arranjos) e as melhores canções dos melhores compositores da época.

Era difícil ficar ruim. Aliás, nunca ficou. Tal qual com Pelé e Garrincha, o Brasil nunca perdeu com Elis e Menescal jogando juntos. E esse placar nunca mudará.

É tempo de despertar.

Filmes na TV

Meg Ryan, uma graça no romance de 'Sintonia de Amor'

Luiz Carlos Merten

Sintonia de Amor

SLEEPLESS IN SEATTLE. (EUA, 1993) DIR. DE NORA EPHRON. COM TOM HANKS, MEG RYAN, BILL PULLMAN.

Nora Ephron, que morreu em junho de 2012 – há cinco anos –, nunca negou quanto sofreu com as traições do ex-marido, o jornalista Carl Bernstein, do caso Watergate. Nem por isso deixou de ser uma romântica incurável. Prova disso é esse belo filme sobre mulher que fica obcecada por conhecer o viúvo



Controle na mão

ESPECIAL WILL SMITH
TNT/11h

Rock in Rio
Multishow/15h

Streaming

DRAMA

'O Último Vice-Rei'



Mostra a vida de Lorde Mountbatten, em 1947, o último vice-rei da Índia que tem responsabilidade de entregar o país de volta para seu povo. Interessante história de um personagem pouco conhecido.

ITUNES, 2017, 106 MIN.

AÇÃO

DVD

TOC – TRANSFORMADA, OBSESSIVA, COMPULSIVA
Brasil, 2017.
Paris Filmes.
R\$ 29,90

Paulinho Caruso e Teo Poppovic dirigem Tatá Werneck e ela está engraçada como a estrela de novela que sofre o transtorno do título. Sua vida complicada, claro. E para incrementar o humor – o romance? – participam Bruno Gagliasso e Luis Lobianco.

que ouviu na rádio, relatando seu eterno amor à falecida. Com a providencial ajuda do filho do cara, ela consegue marcar encontro no alto do Empire State, e é claro que a referência atíca na memória dos cinéfilos um dos clássicos românticos de Hollywood - *Tarde Demais para Esquecer*, de Leo McCarey, com Gary Grant e Deborah Kerr, de 1957. Tom Hanks e Meg Ryan são perfeitos, e trabalharam juntos, de novo, com Nora em *Mensagem para Você*. Meg ficou irreconhecível por causa das plásticas. Permanece uma graça, eternizada pela câmara amorosa de Nora Ephron.

TCM. 22 H. REPRISE. COLORIDO. 105 MIN.

Meg. Com Hanks e o filho dele. Ecos de 'Tarde Demais para Esquecer'

VEJA TAMBÉM

O Bebê de Rosemary

ROSEMARY'S BABY (EUA, 1968) DIR. DE ROMAN POLANSKI. COM MIA FARROW, JOHN CASSAVETES, RUTH GORDON.

Mia Farrow muda-se para aquele prédio em Nova York e descobre que pode estar gerando o filho do Diabo. *Mãe!*, em versão de Polanski. Muito melhor que o Aronofsky nos cinemas.

TEL. CULT. 0h25. REPRISE. COL. 89 MIN.

Lua de Fel

BITTER MOON (FRANÇA/INGLATERRA, 1992) DIR. DE ROMAN POLANSKI. COM PETER COYOTE, EMMANUELLE SEIGNER, HUGH GRANT.

O casal Coyote/Seigner envolve Hugh Grant nos seus jogos bizarros de sexo durante cruzeiro marítimo. Até Polanski se equivoca, às vezes, mas dá para ver sem culpa.

TEL. CULT. 23h55. REPR. COLORIDO. 139 MIN.



Desafio Brasil Fashion
Lifeline/18h30



Mostra de Cinema BR
MAX/19h50

'O Legado Bourne'

Primeiro filme da franquia sem Matt Damon. Neste, acompanhamos Jeremy Renner, como o agente Aaron Cross, tentando escapar de uma conspiração. Direção de Tony Gilroy.
TELECINE PLAY, 2012, 130 MIN.

SÉRIE

'Doctor Who'

Clássica série inglesa, *Doctor Who* acompanha as aventuras do Doutor entre o passado, presente e futuro.
LOOKE 2005, 45 MIN.
Matheus Mans

Culturas

ANIMAÇÃO

Planeta do Tesouro

A dupla Ron Clemens/John Musker transpõe Robert Louis Stevenson, *A Ilha do Tesouro*, para o espaço. Garoto encontra mapa que o projeta numa viagem no espaço. Engraçadinho.
TEL. FUN, 18h20. COLORIDO. 95 MIN.



Na web. Acompanhe a cobertura cultural do 'Caderno 2' na internet

estado.com.br/cultura